

A ILHA DE SANTA CATARINA NA VISÃO DE UM NAVEGADOR INGLÊS DO SÉCULO XIX

Maria Regina Boppré

Os relatos dos viajantes estrangeiros constituem preciosa fonte de informações, não obstante a finalidade, a ótica pessoal e estilo de tais registros. O fundamental é a divulgação e a análise, num contexto mais amplo, desta rara documentação. No caso da terra catarinense, merece ser destacado um fragmento que acreditamos desconhecido por nossa historiografia¹, de um navegador inglês do século XIX, o qual dentre os dados da saborosa descrição da ilha, destaca o acesso ao porto de Desterro, dá referências quanto à produção e preços, além de dados interessantes sobre a demografia e o modo bondoso de tratar os escravos.

O capitão José Andrews, comandante do "Windham", esteve em nossa ilha entre 1825-1826. Tinha chegado de Buenos Aires a 26 de março de 1825, motivado pela exploração de minérios do Famatina, em La Rioja, no norte do atual território argentino. Tinha passado por Córdoba, Tucumán e Salta, sempre no território argentino, antes de entrar no planalto boliviano e atingir Potosí, da qual continuou até a cidade de Arica, atualmente no Chile.

Retomando a Londres, o capitão Andrews publicou, em 1827, a sua obra **Viagem de Buenos Aires a Potosí e Arica, no ano de 1825-1826**, que foi traduzida e publicada em Buenos Aires, um século depois pelo historiador argentino Carlos A. Aldao, de cuja edição fizemos a presente tradução².

O autor narra, quase duas semanas antes de chegar a Santa Catarina, a navegação: "tínhamos agora mar de costado e alvorotado, do qual, porém, este elegante barco parecia rir, depois das usuais alternativas de calmas e brisas incidentais, nestas latitudes. A 2 de maio, começamos a

(1) Cf. **Ilha de Santa Catarina; relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**; compilado por Paulo Berger. Florianópolis, Assembléia Legislativa, Assessoria Cultural, 1979; Odilon Nogueira de Matos, "Páginas Catarinenses"; in: **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, PUC, mar./abr., nº 80, 1977, e, ultimamente, por exemplo, os excelentes livros de Moema Parente Augel, **Ludwig Riedel — Viajante alemão no Brasil**. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979; e **Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista**; prefácio de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Cultrix; (Brasília): INL, 1980.

(2) ANDREWS, Capitan (José) — Ex-Comandante do "Windhan", **Viaje de Buenos Aires a Potosí y Arica en los años 1825 y 1826**, con una introducción de Carlos A. Aldao. Buenos Aires, Ed. Vaccaro, "La Cultura Argentina", 1920, pp. 240-244.

procurar rota veloz para o Rio de Janeiro”. Poucos dias depois, cruzam-se, em alto mar, com o barco de S. M. “Paraguesis”, comandado, “segundo descobri, com a luneta, pelo meu velho amigo, cap. Welch”, que o almirante britânico, a quem supunha encontrá-lo em Montevidéu, estava no Rio de Janeiro, razão pela qual, ao avistar o Cabo de Santa Maria³, desvia o seu rumo para o Rio de Janeiro. Poucos dias depois, a nave faz a entrada na ilha de Santa Catarina, que o Capitão descreve assim: “No dia 14 avistamos a ilha de Santa Catarina e nos comunicamos com o bergantim “Mary”, procedente de Montevidéu. Perto das 10 a.m. rumamos ao porto, passamos a fortaleza de Santa Cruz e fundeamos em menos de cinco braças de água. Todos aqueles que não tinham nada a fazer, foram a terra, antes de comer; recreio agradável. Na manhã seguinte, fui à cidade de São Miguel com o comissário e depois de nos refrescarmos, tomamos uma canoa para o que se chama a ilha, por três duros, onde chegamos a tempo para o **lunch** e passeamos antes de comer.

Pouco depois de nossa chegada apareceram “sir” Murray e o general Rodil, convidando-nos a comer em sua companhia. Visitamos o capitão do porto, Dom José M. Pinto, que insistiu para nos refrescarmos e dormirmos em sua casa, que estava encantadoramente situada numa altura dominante da baía, boa vista da boca do porto, a distância de 18 milhas e, sem embargo, podia ver-se tudo o que entrava e o que saía. No outro dia almoçamos com Dom José, que nos acompanhou para fazer compras na cidade e voltamos com ele, a comer, depois de recorrer o povoado. Às 6 p.m. embarcamos de volta à fragata, que alcançamos às 10, e no dia seguinte zarpamos para o Rio.

Como não tenho visto em nenhuma obra a descrição de Santa Catarina, farei aqui um esboço. A baía, ou melhor o porto, é belíssimo e se entra por ele pelo passo do Norte, utilizando-se muito raramente, o do Sul, bem que este, esteja mais perto da parte da ilha em que se encontra a cidade. Passando algumas ilhotas e entrando em uma baía profunda (sítio onde os barcos se provêm de água) se dilata à medida que se adianta, descobrindo a bombordo o castelo de São José e, mais adiante, está o castelo de Santa Cruz, perto do qual se fundea e se manda bote a terra, para se comunicar com o governador.

As sondagens são regulares e ali parece haver profundidade suficiente para que grandes barcos subam à cidade. No porto, sem embargo, vi bergantins somente de umas duzentas toneladas de carga. Os barqueiros nos disseram que as fragatas portuguesas costumavam fundear ali.

O melhor fundeador para um barco que aporte somente para refrescar víveres, é trazer hasteada a bandeira sobre Santa Cruz para tomar

(3) O Cabo de Santa Maria, atualmente em território uruguaio, marca o limite entre o Rio da Prata e o Oceano Atlântico.

Nordeste por Norte. O castelo de São José, Leste meio Norte, ou 7 por Norte e a ilha (de) Rata⁴, Sul por Leste, cinco braças que é a profundidade geral das sondagens. Os barcos mercantes podem, naturalmente, acercar-se muito mais na costa. A água que se consegue é excelente e fácil de se obter num arroio, ao qual se pode chegar em bote. Este lugar é notável pelas ostras mais deliciosas do mundo (ao menos assim o crimos), que se encontram em grande abundância sobre as rochas; nem esquecerá jamais, o visitante, os seus passeios entre a folhagem deliciosa, fresca e quase impetrável, que cobre a face deste belo país.

Onde quer que a mão do homem se tenha aplicado parece decorrer a abundância. Se bem que as parcelas cultivadas demonstrem pouco cuidado, indústria em seu manejo, contudo, se produz o bastante para todos os propósitos dos habitantes e para poupar. Milho, arroz, café, açúcar e mandioca são os principais produtos e se encontram divididos em cada plantação, por pequena que seja.

Uma cadeia de cerros levanta-se desde a água, como árvores apinhadas e o aspecto é tão atraente que detém o viajante, parecendo impedi-lo de ir mais adiante. Pequenas sendas se entrecortam de casa a casa, tão envoltas em folhagens que não se distinguem claramente, até anunciar-se pelo latido de um cão, ou o encontro inesperado de algum dos seus moradores. Os habitantes parecem pacíficos e contentes, vivendo como em épocas primitivas, na terra imediata e alheios às necessidades sentidas fora dos limites de seu pequeno território.

A terra do continente traça uma baía magnífica, em cujo extremo direito há uma aldeola chamada São Miguel, a três milhas do fundeadouro. Ali se conseguem cavalos para montar, ou canoas para cruzar, do continente a Santa Catarina. O preço de um novillo é de dez a vinte duros. Um peru custa de meia coroa a cinco xelins. Galinhas e legumes são baratos, e são vendidos pelo primeiro preço que se pede aos passageiros dos barcos. No campo e para os habitantes estes artigos são infinitamente mais razoáveis.

Em São Miguel vi um moinho de arroz, situado numa calheta estreita deliciosa, a qual baixa borbotando uma catarata por suave declive, muito romântico, em cujo fundo lustrosas e azevichadas negras se viam banhando seus corpos flexíveis e troçando com os estranhos que passavam perto. A água sobre os volantes da roda do moinho, conduzida desde a parte de cima por um aqueduto de madeira, se apoiava em suportes de trinta pés de altura e equidistante entre si. Coberta de musgo e enredadeiras, é tão pitoresca como a paisagem circundante. Observei um tear numa cabana em que a família tecia sua roupa branca comum. Na mesma cabana moravam como de costume, toda a raça: desde a avó até o

(4) O autor alude a ilha de Ratonés.

último rebento do tronco. Um grupo de doze mulheres, entre os ramos menores; duas jovens recém-casadas, segundo seu aspecto me fez supor, e outras mulheres menores de dezoito anos, brincando no solo com seus filhos, contavam-se no número. Vimos somente um homem, o qual supusemos ser o cabeça da família.

A ilha de Santa Catarina é certamente a mais bela que jamais vi, com solo tão rico como é encantadora a face da natureza. O capitão do porto, Dom José M. Pinto, que tão bondoso foi para nós, disse que a ilha é de trinta milhas de comprimento por seis de largura, contendo 12.000 habitantes, dos quais 5.000 podem atribuir-se à cidade. As ruas se ajustam ao plano usual das colônias portuguesas e espanholas. As casas não eram notáveis pelo tamanho ou asseio e mostravam a habitual heterogeneidade de habitantes que se vê nas cidades do novo mundo, porém aqui, mais do que o acostumado, o aspecto de contentamento impresso em seus rostos. Pareciam possuir bastante para satisfazer seus moderados desejos, com referência a tudo o que o homem realmente necessita aqui abaixo, de riqueza e frutos de indústria.

Por ser domingo de Pentecostes, não cessou a pantomima de oferendas e práticas supersticiosas ante o Tabernáculo do Espírito Santo, ao qual parecia que todos os habitantes da ilha tivessem acudido, levando tudo o que podiam, principalmente artigos comestíveis, trajes e adornos. Apresentavam-se formalmente ao recebedor geral, sentado sob um dossel, com a coroa de prata na cabeça, e com ele, dois ou três dos mais preciosos meninos do lugar, representando anjinhos, à guisa de ouropel para adorná-los. Os presentes assim oferecidos logo se punham à venda, depois de receber algum atrativo adicional para aumentar o seu valor. As utilidades, dizem, se aplicam à liquidação do custo de velas de cera, mas da porção destinada a ele, meu informante, bom católico e homem digno de calçar botas, não entendia mais que um honrado John Bull⁵, acerca dos procedimentos de desembolso, na junta administrativa de sua paróquia.

A casa do senhor Pinto domina, como tenho dito, magnífica vista de terra e mar. A baixada da cidade é por uma avenida de ricas sempre-vivas, que dão idéia das mansões verdes descritas nas fábulas orientais. Não se pode possuir na ilha terra em abundância, pois está muito ocupada; por um sítio frente da casa do senhor Pinto, em que havia uma vivenda em ruínas, com cinco acres de terreno — umas oitenta jardas de frente e cento e sessenta ou cento e oitenta de fundo — pediam três mil e quinhentos duros, ou seja, cerca de seiscentas libras esterlinas.

(5) Lembremos que John Bull, personagem popular da Inglaterra, tem sua origem num livro de Arbuthnot (História de John Bull, 1712), espécie de panfleto satírico. É um personagem obeso e obstinado, com as virtudes e defeitos que se atribuem, de ordinário, aos britânicos.

A terra, é certo havia estado bem cultivada, porém agora era *The sport where many a garden flower grows wild*⁶.

A escravidão, de caráter muito moderado e suave, existe aqui, e há abundância de negros. É singular que Espanha e Portugal tão famosos pela dureza de sentimentos, animosidades civis tingidas com grande crueldade, e uma disposição que envolve a idéia de ferocidade dissimulada, usaram de seus escravos com maior bondade que quaisquer outros países setentrionais mais civilizados, como Holanda, Inglaterra e França. Sem embargo, assim é, efetivamente. O espanhol enquanto pisoteava no pó o índio nativo da América do Sul, tratava o negro como se tivesse consciência da felonía cometida ao roubá-lo de sua terra natal. Em Santa Catarina o trabalho escravo parece leviano e ainda resulta invejável, comparado com o de outros países escravocratas, e certamente sua tarefa não é comparável com a do lavrador inglês, residindo na aurora da liberdade.

Grandes quantidades de farinha, produzida no país, se exportam de Santa Catarina, com a qual se alimenta a população escrava do Brasil. Também se produz o linho em quantidades consideráveis nesta ilha. As mulheres fazem flores artificiais em coroas e ramos de porções da tribo alada e emplumada, que abundam na ilha. Também transformam as conchas em buquezinhos, de modo muito engenhoso, com grande fidelidade de imitação da natureza. Para quem deseje gozar o final da sua existência, longe do tumulto, ambição, vai-e-vem e cuidados do comércio, confusão e duros climas do norte, para quem deseje viver no seio da natureza e ser feliz em sua pequena propriedade, com tudo o que a terra proporciona, Santa Catarina é a morada; e em resumidas contas, quiçá, tal vida é a melhor. Para um protestante não há país católico tão agradável, pois a religião está aqui em sua forma menos objeável. Nenhum convento de frades ou monjas, nem monje, se vê no lugar.

O general Rodil deu a todos nós um banquete em terra; e quando pedimos a conta separada pelo refrigério, descobrimos que este espanhol generoso se nos havia antecipado ao pagamento. No momento de chegar o barco, deu à tripulação três novilhas e, aos barqueiros, uma onça de ouro. Do mesmo modo mandou um grande bote carregado com carne, legumes, galinhas e artigos similares”.

Pouco cabe agregar a esta simpática descrição, na qual a sobriedade britânica deixa transparecer o encanto pessoal do navegador frente à natureza subtropical, especialmente nos seus aspectos da flora natural e cultivada dos jardins, que mostram o gosto romântico do autor.

A historiografia catarinense pode incorporar, com proveito, este breve documento entre os mais prezados que já se têm compilado.

(6) Sítio onde muitas flores de jardim crescem selvagens. (Tradução de Carlos A. Aldao).